

## **Panama Papers: o jornalismo sem fronteiras**<sup>1</sup>

Carla MIRANDA<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, SP

### **RESUMO**

A série de reportagens intitulada Panama Papers, lançada em abril de 2016, impressiona por seu impacto mundial e pela quantidade de veículos e repórteres envolvidos no projeto, sob liderança do Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (CIJI). Tal trabalho jornalístico, que tem como base o maior vazamento de dados da história, com a liberação de documentos do escritório de advocacia panamenho Mossack Fonseca, só pode ser compreendido se forem resgatadas as bases e a história da colaboração sem fronteiras na imprensa, alvos de estudo no presente artigo.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; jornalismo investigativo; colaboração jornalística.

### **1. Introdução**

Do primeiro-ministro da Islândia ao cartola suíço que assumiu a Fifa. De políticos brasileiros investigados na Lava Jato a amigos do presidente da Rússia. A variedade de personalidades e sua distribuição geográfica dão indícios do tamanho da investigação em questão. Apenas indícios. Com 11,5 milhões de arquivos, os chamados Panama Papers<sup>3</sup> se transformaram no maior caso de vazamento de informações da história. Saíram do banco de dados do escritório de advocacia panamenho Mossack Fonseca 2,6 terabytes de documentos sobre empresas offshore montadas, muitas vezes, para esconder recursos escusos.

Na investigação, 376 repórteres de 76 países, liderados pelo Consórcio Internacional de Jornalistas investigativos (ICIJ, na sigla em inglês), entidade sem fins lucrativos que recentemente vem ganhando os holofotes ao revelar escândalos mundiais como o SwissLeaks e o LuxembourgLeaks. Em *Anatomy of a Global Investigation: Collaborative, Data-Driven, Without Borders*, o jornalista e pesquisador William Buzenberg ressalta o fato

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016..

<sup>2</sup> Doutoranda do Curso de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, email: carlamirandaf@gmail.com.

<sup>3</sup> Material sobre o projeto está disponível em <<https://panamapapers.icij.org/>>

de que criminosos de todos os tipos e hackers atuam sem fronteiras – e sugere que os jornalistas façam o mesmo. Na época dos Offshore Leaks, ele era diretor-executivo do Centro para Integridade Pública, entidade que deu origem ao ICIJ. “Precisamos criar um jornalismo com escala suficiente para fazer frente ao crime”, diz Buzenberg (2015, p. 2).

Discutida como uma das principais tendências no jornalismo atual<sup>4</sup>, a colaboração internacional em torno de assuntos complexos existe há pelo menos duas décadas, embora sempre tenha sido praticada como exceção. O cenário recente, no entanto, é visto por profissionais e pesquisadores como propício para promover modificações na cultura da imprensa, marcada pela concorrência e pelo trabalho individual.

O que mudou nesse período de 20 anos? A tecnologia é a resposta mais fácil. Computadores capazes de processar volumes crescentes de informação estão disponíveis em associações de jornalistas e em algumas das principais redações para os jornalistas. Redes de comunicação criptografada permitem trocar dados sigilosos com fontes e discutir, em segurança, o trabalho com colegas do outro lado do globo. Por outro lado, vários países desenvolveram ao longo desse tempo leis de transparência, que obrigam a divulgação de informações públicas. Rico material para a investigação jornalística.

Mas ter tecnologia não é suficiente. Nem dispor de um grande volume de informações. É necessário contar com apoio de especialistas em tratar dados brutos e trabalhar com programação, desenvolvendo ferramentas que facilitem a busca por dados relevantes. E esses experts, repórteres ou não, já atuam em redações e consórcios de jornalistas. Também foi necessário acumular experiência neste tipo de atuação. Conhecimento desenvolvido pela própria ICIJ e pela Investigative Reporters & Editors (IRE), a maior e mais antiga associação do gênero, com mais de 5 mil jornalistas.

Deve-se levar em conta, ainda, a atual situação da mídia, que enfrenta restrições cada vez mais severas de verbas para reportagem. Viagens internacionais se tornaram menos frequentes, o número de correspondentes e escritórios internacionais foi reduzido mesmo nos veículos de maior porte, de projeção mundial. Notícias que eram apuradas *in*

---

<sup>4</sup> Relatório Trends in Newsrooms, 2014, do Fórum Mundial de Editores. Detalhes sobre o tema da colaboração jornalística estão disponíveis em <<http://blog.wan-ifra.org/2014/08/07/trends-in-newsrooms-7-the-growing-importance-of-global-collaborative-investigative-journa>>

*loco* são largamente feitas a partir das sedes dos veículos ou traduzidas de agências internacionais. Estruturas consideradas inadequadas para produzir material robusto em um mundo sem fronteiras.

Uma das formas de se lidar com essa limitação crescente de recursos financeiros é adotar formatos de colaboração, de preferência fazendo uso qualificado da tecnologia disponível. Nas palavras de Buzenberg (2015, p. 2): “Se não for assim, a imprensa vai continuar e ultrapassada e desarmada, assim como sem recursos, justamente quando ter forças de vigilância internacional é algo criticamente necessário.”

As iniciativas que promovem a união de forças entre os veículos, por outro lado, vêm garantindo resultados de impacto. Algumas das melhores reportagens investigativas produzidas têm sido feitas por meio de colaborações globais, em suas várias formas possíveis. O Prêmio Pulitzer de 2013 foi concedido ao inglês *The Guardian* e ao americano *Washington Post*, por sua cobertura dos documentos vazados da Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos. Os arquivos roubados por um ex-funcionário da agência, Edward Snowden, mostravam a vigilância feita pelo governo americano a líderes e pessoas chave de outros países, inclusive aliados. A reportagem foi publicada nos Estados Unidos, no Reino Unido e na Alemanha. E gerou reportagens locais em dezenas de outros países.

Atuando em um modelo de colaboração mais completo, liderado pelo europeu Projeto de Reportagem sobre Crime Organizado e Corrupção (OCCRP, na sigla em inglês) o *Kadija Project* recebeu o Tom Renner Award, do IRE, em 2015. Mais de 20 jornalistas, de vários veículos, trabalharam juntos para fazer as reportagens que a experiente repórter investigativa *Kadija Ismaylova* havia iniciado antes de ser presa injustamente.

Este artigo se propõe a apresentar o modelo das colaborações globais, que culminaram na atual investigação sobre os *Panama Papers*, tendo como base pesquisa nos sites das principais instituições envolvidas nesses projetos e nas páginas web de associações de jornalistas. Também foram coletadas informações em entrevistas, reportagens e artigos acadêmicos publicados sobre o tema. Conforme foi notado durante a produção deste material, trata-se de um assunto carente de estudos mais aprofundados, como teses acadêmicas ou livros. Por um lado, isso representa uma dificuldade. Por outro, um desafio.

Para iniciar a aproximação sobre o tema das colaborações jornalísticas, considerou-se necessário, primeiro, pontuar que a cultura do jornalismo sempre esteve mais ligada ao trabalho individual, com autoria muito definida, do que ao trabalho colaborativo. Identificasse, então, uma necessidade de mudança dessa cultura para que repórteres e veículos consigam atuar de forma colaborativa, conforme vários desses profissionais apontam em artigos e entrevistas. Também foram pesquisados alguns dos trabalhos mais bem-sucedidos realizados em colaboração anteriormente aos Panama Papers, como *Exposed: How Billions of Cigarettes End Up on Black Markets*, LuxebourgLeaks e SwissLeak, conduzidos pelo ICIJ. Detalhes sobre a participação brasileira nos Panama Papers foram coletados pela autora deste artigo, por meio de entrevistas pessoais. Os jornalistas informaram que, pelo acordo que têm com o ICIJ, ainda não podem revelar muitos detalhes da colaboração. Mas concordaram em falar brevemente do trabalho e relatar algo mais do que publicaram em seus veículos sobre o tema. Participam da investigação três grupos de mídia, Folha de S. Paulo, pelo portal UOL, O Estado de S. Paulo e RedeTV!

## **2. A colaboração na cultura jornalística**

Apesar de existirem exemplos de colaboração no jornalismo, isso não é algo que esteja arraigado na cultura da imprensa. A prática cotidiana, mais ligada ao trabalho solitário de apuração e reportagem, a diferença na forma de trabalho nas redações, que ocorre tanto entre veículos do mesmo país quanto ao redor do mundo, e a arraigada cultura da competição pelos furos são todos obstáculos à colaboração.

Torna-se necessário, aqui, lembrar que há vários tipos e formatos de colaboração. O trabalho conjunto pode ocorrer entre dois ou mais jornalistas, mas também entre repórteres e leitores, no modelo que atua por meio de *crowd-sourcing*, no qual a audiência colabora com insights e dicas para os meios de comunicação ou atende a chamados para participar de reportagens. Experiências de colaborações entre profissionais de imprensa e os leitores vêm sendo feitas desde o fim dos anos 2000.

Embora esses trabalhos de *crowd-sourcing* sejam interessante material de análise - até para tentar descobrir quando e em que situações a colaboração com os leitores é bem-sucedida -, o presente artigo se concentra no trabalho entre jornalistas, especialmente nos

modelos em que a colaboração envolve múltiplos países. Isso vem ocorrendo tanto entre veículos de mídia consolidada, caso dos grandes grupos mundiais, quanto entre eles e os veículos emergentes, como no consórcio montado em torno dos arquivos do WikiLeaks ou por entidades jornalísticas sem fins lucrativos, como a americana ProPublica.

A colaboração existe e é crescente, mas ainda é muito mais exceção ou exemplo a ser analisado do que algo cotidiano. “Não vou mentir. Algumas vezes, unir formas com redações e culturas que são estranhas a você e à sua redação pode ser difícil. Algumas vezes, quase impossível”, justifica o repórter Stephen Stock, no artigo *How to Work Well With Partners* (2014, p. 3), publicado pelo Newslab. Stock, que participou de uma dezena desses projetos colaborativos, diz que “alguns funcionaram, outros não”.

A dificuldade é apontada também na ProPublica, com jornalistas mais experientes nesse tipo de trabalho. “A colaboração é a nova realidade, gostemos ou não. Como a maioria dos híbridos, ela tem custos e benefícios”, disse Jeff Gerth, um dos repórteres da entidade, durante o Logan Symposium, do Programa de Reportagem Investigativa da Universidade de Berkeley (EUA), em 2014.

A ProPublica tornou popular um outro modelo para ampliar a colaboração entre jornalistas, ao começar a publicar em 2010 o que batizou de “receitas de reportagem”. A entidade, que desde a sua criação deixava o material que produzia livre para republicação e permitia acesso aos dados brutos das matérias, começou a dar também o passo a passo das reportagens, “algo pouco usual”, como escreveram Stephen Engelberg e Paul Steiger em *Why We’re Giving Away Our Reporting Recipe*. Segundo eles, “nesta era de recursos reduzidos, existe um papel para as novas formas de colaboração” (ENGELBERG; STEIGER, 2010).

Em geral, são reportagens de cunho nacional e a receita acaba chamando a colaboração de veículos locais. Como explica Joseph Lichterman no estudo *How ProPublica Uses a “Reporting Recipe” to Cook up Collaboration* (2014, p. 3), escrito para o NiemanLab, da Universidade de Harvard (EUA), se forma um acordo implícito de colaboração. “A ProPublica tem recursos, experiência e tempo para compilar dados nacionais. E os jornalistas locais têm audiência que pode se beneficiar dessas informações. Juntos, eles conseguem um impacto maior, algo chave para a ProPublica.”

Em entrevista a Lichterman, o hoje editor da entidade, Eric Umansky, diz que o objetivo é conseguir impacto e promover um debate maior sobre o assunto. De acordo com Umansky, “a melhor maneira [de ter impacto] não é fazer uma história própria e dar o assunto como encerrado. E sim disponibilizar as ferramentas para que outras organizações escrevam suas histórias” (LICHTERMAN, 2014, p. 2).

A bibliografia sobre a colaboração entre jornalistas, especialmente quando se fala em colaboração internacional, por enquanto não está consolidada em livros e teses, apesar de a discussão estar presente nos principais centros de estudo de jornalismo no mundo e em artigos acadêmicos. E são esses artigos e reportagens que trazem as primeiras instruções de como trabalhar de forma colaborativa.

Stephen Stock e Emilia Díaz-Struck são dois dos autores que fazem essa tentativa de dar orientações a quem deseja participar de reportagens em colaboração. Em comum, eles mencionam a necessidade de planejamento e a importância de escolher o melhor modelo para colaboração. Stock (2014, p. 4) sugere, por exemplo, que se tente primeiro conhecer melhor os outros jornalistas, em conversas e reuniões, para que se entenda melhor a cultura dos meios em que os colegas trabalham. O jornalista ainda recomenda que as equipes tentem começar em projetos pequenos, para descobrir pontos fortes e fracos de cada grupo, conhecimento muito útil na hora de dividir as tarefas de reportagem, e construir confiança.

Stock (2014, p. 5) complementa que é preciso discutir cada detalhe, desde se haverá data para a publicação conjunta – projetos do ICIJ, como os Panama Papers, têm regras muito claras para os participantes – até como o material vai ficar em cada mídia, passando pela definição de como será feita a inscrição em prêmios. Com a experiência que acumulou em projetos de colaboração, Stock diz que os que mais funcionaram foram os que tiveram trabalho conjunto desde o início.

Emilia Díaz-Struck coletou dicas no congresso Global Investigative Journalism Conference (GIJC)<sup>5</sup>, em Lillehammer, na Noruega, onde a tendência da colaboração foi mencionada. Para Díaz-Struck (2015, p. 5), algumas das questões chave passam pela disposição de compartilhar descobertas, documentos e informação, deixando o “ego de

---

<sup>5</sup> Material completo sobre a conferência está disponível em <<http://gijc2015.org/>>

lado”. Da mesma forma que Stock, a autora coloca na lista o respeito ao que foi combinado pelo grupo, seja nos prazos ou na atualização do andamento das investigações.

Manter controle rigoroso de apuração e verificação das informações é outro dos requisitos para quem quer atuar bem em equipes. Por último, Emilia Díaz-Struck fala de ter um bom controle central sobre o trabalho, capaz de coordenar os esforços conjuntos. “As colaborações da ICIJ envolvem dividir todo o processo de reportagem, trocando informações e publicando simultaneamente”, escreve Díaz-Struck (2015, p. 3) no artigo. A autora faz a ressalva de que não são todas as colaborações que exigem essa escala, lembrando que trocar conhecimento, metodologias ou recursos já significa colaborar.

### **3. As redes internacionais de colaboração jornalística**

Sem precedentes em volume de informações e número de jornalistas e veículos envolvidos, a investigação dos Panama Papers, que veremos a seguir, é até agora o ponto alto dos trabalhos jornalísticos colaborativos. Mas convém ressaltar que realmente se trata de um ponto na evolução das redes internacionais de jornalistas.

Como lembra a jornalista Sheila Coronel, uma das diretoras da escola de Jornalismo de Columbia, em matéria de Brant Houston (2016, p. 3) para o site da Rede Global de Jornalismo Investigativo (Global Investigative Journalism Network, GIJN), uma colaboração desse nível só pôde ser construída com a formação de laços mais estreitos entre jornalistas ao longo dos anos, tanto em reportagens quanto em congressos e workshops. Segundo ela, foi necessário antes cultivar o companheirismo e a confiança entre repórteres investigativos em várias partes do mundo. “Os laços de solidariedade profissional que se formaram tornaram possível a realização dos Panama Papers” (HOUSTON, 2016, p. 3).

#### **3.1. O pioneirismo da Investigative Reporters & Editors**

Esse movimento em torno do trabalho em colaboração, a que Sheila Coronel se refere, surgiu na década de 1970, nos Estados Unidos. Animados pela efervescência após o escândalo de Watergate (iniciado em 1972) e a cobertura da Guerra do Vietnã (até 1975), jornalistas se reuniram em 1975 para formar a Investigative Reporters & Editors, mais conhecida por sua sigla em inglês, IRE. Deste encontro realizado na Virgínia surgiu o

embrião de uma primeira conferência, marcada para o ano seguinte. O que ninguém poderia saber, no entanto, é que um acontecimento trágico levaria ainda mais jornalistas ao encontro e também se transformaria no primeiro grande projeto jornalístico de colaboração nacional. Convidado a ser um dos palestrantes, Don Bolles viria a ser alvo de um atentado a bomba ao investigar uma pista falsa em um caso de máfia, em Phoenix, Arizona.

Como narra a IRE em seu site, a ausência do repórter era palpável no evento. Colega de Bolles no jornal *Arizona Republic*, Chuck Kelly foi o primeiro a se voluntariar para continuar as investigações do repórter assassinado. Outros não tardaram a se integrar ao projeto, batizado inicialmente como *Phoenix Project* e mais tarde chamado de *Arizona Project*. Nada menos que 38 repórteres e editores pediram licença de seus veículos para se dedicar à apuração que Bolles havia iniciado. Foram cinco meses de trabalho. A série de reportagens foi publicada em vários veículos – 23 participaram das investigações.

Brant Houston, no artigo feito para o site da GIJN, chama a atenção para o que diz ser um fato pouco conhecido: o uso, no *Arizona Project*, de técnicas de análise de dados em rede, talvez a primeira vez que isso tenha sido feito no jornalismo. “Os líderes do projeto contrataram um professor mostrar a relação entre grupos de governantes e empresários que davam as ordens em Phoenix”, conforme Houston (2016, p. 6).

O jornalismo que tem como base banco de dados ganhou mais espaço ao longo dos anos 1980, seguido do ensino e uso das técnicas de Reportagem com Auxílio do Computador. Também se expandiram pelo mundo iniciativas como a do Investigative Reporters & Editors. Da norueguesa Associação para Imprensa Crítica e Investigativa (Skup, na sigla em norueguês) ao Centro Filipino de Jornalismo Investigativo. O número de entidades do gênero passou de apenas três, nos anos 1980, para 39 em 2007 e 106 em 2013, em 47 países, segundo dados do relatório produzido pelo Center for International Media Assistance (2013, p. 6). Muitas delas estão envolvidas nos Panama Papers.

### **3.2. O Consórcio Internacional de Jornalistas Investigativos (ICIJ)**

Muito embora tenha ficado mais conhecida do grande público há um par de anos - com os projetos Luxebourg Leaks (2014), escândalo financeiro envolvendo mais de 300 multinacionais, e SwissLeaks (2015), vazamentos que comprovam que o braço suíço do

HSBC atuava para encobrir a origem escusa e o destino das fortunas de clientes considerados de alto-risco -, a ICIJ tem longa experiência em liderar complexas investigações internacionais. A entidade foi criada em 1997 já com a proposta de reunir jornalistas selecionados em torno de grandes reportagens, publicadas na maior quantidade possível de países, em vários meios. No início, isso significava pouco mais que vinte repórteres internacionais. Número que chegou a 75 jornalistas experientes três anos depois, trabalhando a partir de 39 países. Nas recentes investigações dos Panama Papers, atuam nada menos que 376 jornalistas, de 109 veículos de mídia diferentes, em 76 países.

O impacto dessa colaboração foi claro desde o primeiro projeto, “Como Bilhões de Cigarros vão Parar no Mercado Negro”, uma investigação sobre as grandes empresas multinacionais de tabaco. Por causa da repercussão das matérias - foram 40 em 10 países -, as companhias tiveram de encerrar seu envolvimento em contrabando de cigarros, que era realizado principalmente em países mais pobres. Algo muito lucrativo para as empresas, que assim conseguiam evitar os impostos devidos a governos locais.

O centro foi fundado por Charles Lewis, que queria criar uma espécie de “utopia jornalística”, como disse em entrevista a Mark Glaser (2004) para a USC Annenberg Journalism Review, na qual pudesse se dedicar aos assuntos que quisesse. Uma mudança e tanto para quem até pouco antes havia trabalhado como produtor do programa 60 Minutos, da CBS. Desde o início, a ICIJ trabalhou com os melhores recursos tecnológicos disponíveis para aprimorar seus projetos. Isso sem descuidar de ações para aproximar repórteres de diferentes redações e países, promovendo encontros e conferências.

Lewis dirigiu por 15 anos o instituto e, hoje, integra o grupo de conselheiros da entidade. Parte do protagonismo atual, no entanto, vem sendo creditado ao jornalista irlandês Gerard Ryle, que em 2011 assumiu a direção da ICIJ. No site<sup>6</sup> da associação, Ryle diz que a chave desse sucesso vem sendo escolher projetos instigantes, que se tornassem irresistíveis para os jornalistas. Das redes internacionais de evasão de divisas aos malfeitos de países e empresas, passando por questões como poluição ambiental criminosa. Em algumas oportunidades como congressos e entrevistas, o diretor da ICIJ explicou seus

---

<sup>6</sup> O endereço eletrônico da ICIJ é [www.icij.org/about](http://www.icij.org/about)

critérios para avaliar um projeto. Entre eles, a análise do interesse global sobre o assunto e o impacto que a investigação pode ter.

Ainda na página da associação, que hoje conta com mais de 190 membros fixos em 65 países, Ryle afirma que acreditar que a colaboração é cada vez mais primordial. “Estamos perdendo nossos olhos e ouvidos ao redor do mundo no momento em que mais precisamos deles”, justifica, mencionando a crise da mídia, que vem obrigando o fechamento de escritórios internacionais, a redução dos gastos com passagens aéreas e, em alguns casos, o abandono do jornalismo investigativo. “Queremos ser o melhor time investigativo internacional.” Trata-se de trocar a competição pela colaboração.

Para dar suporte aos projetos, a ICIJ conta com uma equipe de especialistas em Reportagem com Auxílio de Computador (RAC, em português), experts em coletar dados públicos e profissionais dedicados a tratar grandes volumes de dados, criando ferramentas que facilitem a busca por informações pelos demais jornalistas envolvidos em cada projeto. Dependendo da quantidade de dados e de sua complexidade, um trabalho que pode durar mais de um ano. Os especialistas da ICIJ também montam plataformas criptografadas para permitir o compartilhamento de dados para os veículos e repórteres parceiros e entre os diferentes repórteres, que assim conseguem se comunicar e trocar informações sobre suas respectivas descobertas. Tal expertise vem permitindo que a associação lide com volumes de dados sem precedentes, oriundos de alguns dos maiores vazamentos de informações secretas que já se viu na imprensa. A começar pelo primeiro projeto liderado por Ryle na ICIJ, que ficou conhecido como *Offshore Leaks*<sup>7</sup>, em 2013.

Eram cerca de 2,5 milhões de arquivos secretos vazados por uma fonte, relacionados a dez paraísos fiscais. O material totalizava 260 gigabytes de informação. Para se ter uma ideia da dimensão do projeto, o famoso *WikiLeaks*, que revelou a vigilância diplomática feita pela americana NSA, tinha 1,73 gigabytes de dados. Nos arquivos estavam detalhes sobre mais de 120 mil empresas offshore, além de 130 mil pessoas de 170 países. Nos *Panama Papers*, publicados não mais que três anos depois, o volume de informações chegou a 2,6 terabytes. Entrevistado por Andy Greenberg (2016) para o site da *Wired*, logo após o

---

<sup>7</sup> O projeto está disponível em <https://www.icij.org/offshore/about-project-secrecy-sale>

lançamento da série, em abril, Ryle disse que o vazamento incluía todos documentos da empresa Mossack Fonseca em 40 anos. “É 2 mil vezes maior que o WikiLeaks.”

O jornalista William Buzenberg, que na época dos Offshore Leaks era diretor-executivo do Centro para Integridade Pública, ONG que deu origem ao ICIJ, escreveu o artigo acadêmico *Anatomy of a Global Investigation*, sobre as redes de colaboração entre jornalistas. Segundo ele, os avanços mais recentes, “incluindo vazamento de dados, tecnologias abertas de compartilhamento e mudanças de mentalidade, tornam o momento atual perfeito para colaborações no estilo das feitas pela ICIJ” (BUZENBERG, 2015, p. 5).

### **3.3. Projeto de Reportagem sobre Crime Organizado e Corrupção (OCCRP)**

Surgido em 2006, quase dez anos depois da IICJ, e não por acaso colaborador das investigações sobre os Panama Papers, o Projeto de Reportagem sobre Crime Organizado e Corrupção (OCCRP, na sigla em inglês) é formado por centros de jornalismo investigativo espalhados pelo Leste Europeu e pela Ásia Central. Sem fins lucrativos, se dedica não só a realizar grandes reportagens transnacionais - com casos que vão da lavagem de dinheiro na Rússia à corrupção no futebol -, mas também a promover o aperfeiçoamento de repórteres e criar ferramentas que facilite seu trabalho.

A principal delas é o painel Investigative Dashboard<sup>8</sup>, criado por um dos fundadores da OCCRP, Paul Radu. A ferramenta se transformou em boa aliada para trabalhos jornalísticos de investigação e até para pesquisadores interessados em crime organizado e corrupção. Ali estão reunidos mais de 400 bancos de dados online, que mostram informações sobre pessoas de várias nacionalidades que requerem algum tipo de vigilância e com quem negociam, além de dados comerciais ao redor do mundo. A ferramenta ainda agrega grandes bancos de dados abertos nos países.

Um dos projetos de maior impacto do OCCRP, no entanto, está menos relacionado à tecnologia e mais ligado à colaboração em sua forma mais ampla. “A colaboração pode ser usada para muito mais que apenas melhorar seu próprio trabalho: em alguns momentos, ela ocorre para ajudar colegas em situações nas quais eles são impedidos de continuar suas

---

<sup>8</sup> O Investigative Dashboard tem áreas livres, com apenas algumas funções que só são liberadas ao uso de jornalistas selecionados. O acesso é feito pelo <https://data.occrp.org/#/>

investigações ou publicar suas reportagens”, escreveu Emilia Díaz-Struck (2015, p. 3), no artigo *Four Ways to Embrace a Cross-border State of Mind*, publicado no site da ICIJ. Emilia se referia ao The Khadija Project, vencedor em 2015 de um dos mais prestigiados prêmios de jornalismo investigativo, o Tom Renner Award, da Investigative Reporters & Editors (IRE). O trabalho, coincidentemente ou não, guarda semelhanças com a primeira grande investigação feita pela IRE – no site do projeto, os repórteres envolvidos agradecem a inspiração dada pelo *Arizona Project*. Novamente, se tratava de um repórter silenciado. Não por um assassino, como no caso de Bolles. Mas por uma prisão de ordem política.

Repórter da Rádio Free Europe e da TV Liberty, Khadija Ismayilova foi presa em dezembro de 2014, após publicar matérias sobre corrupção e negócios escusos envolvendo a família de Ilham Aliyev, então presidente do Azerbaijão. Em um país rico em petróleo e sem tradição de transparência, parentes e amigos de Aliyev exibiam infundável poder aquisitivo. Em retaliação, Khadija acabou sendo condenada a nove anos de cadeia. Mas sua luta não foi interrompida. Vinte jornalistas se reuniram em torno do The Khadija Project, dando continuidade às reportagens da colega.

#### **4. Panama Papers no Brasil**

“Oi, eu sou João Ninguém”, escreveu a fonte anônima para a equipe do jornal alemão *Süddeutsche Zeitung*. “Interessados em informações?”, continuou. A resposta foi: “Sim, estamos muito interessados”. No diálogo, o informante também falava em um volume de dados sem precedentes. Promessa cumprida. E o jornal, parceiro recorrente do ICIJ, entrou em contato com o consórcio para discutirem como tratar as informações. Mais de um ano se passou até o primeiro conjunto de informações vir a público, em 3 de abril de 2016. O grupo de 376 jornalistas que atua neste trabalho reúne dos globais The Guardian e BBC a outras associações de jornalismo investigativo.

No Brasil, a colaboração no Panama Papers tomou um contorno ainda mais interessante, ao unir dois dos grupos de mídia mais tradicionais do País, a Folha de S. Paulo, representada por seu portal UOL, e o Estado de S. Paulo, provocando uma ruptura ainda maior do modelo tradicional de concorrência entre veículos. Ocorreu uma colaboração – nacional – dentro da colaboração global definida pelo ICIJ.

Em conversas da autora com repórteres envolvidos, foi revelado um grau de colaboração muito superior ao que se podia imaginar, conhecendo a cultura de disputa acirrada entre Folha e Estadão. As equipes realizaram reuniões de pauta, sugerindo matérias a serem feitas, tendo como base análise prévia da ferramenta de triagem de dados do ICIJ. Na divisão do trabalho, houve caso de um grupo ficar encarregado de realizar a reportagem sugerida por outra equipe, outra importante mudança cultural trazida pelo projeto.

Replicando o modelo do ICIJ, que combina com seus parceiros o prazo de veiculação das reportagens, as equipes brasileiras estão em permanente contato. As reportagens são assinadas conjuntamente, não importando o grau de participação de cada grupo naquele trabalho específico. Critérios editoriais individuais, no entanto, são respeitados. No caso de Folha e Estadão, que trabalham com textos, os jornalistas estão autorizados a reeditar o conteúdo, deixando-o mais adequado aos padrões de texto usados em seu veículo. Antes da publicação, no entanto, enviam para aval da outra equipe.

Exemplo dessa nova edição pode ser notado na reportagem envolvendo a Petrobrás, publicada em 8 de abril de 2016. O texto do Estadão tem linguagem mais impressionista, enquanto o da Folha é mais direto, como se vê abaixo:

“A De Castro Street é uma pequena rua de apenas um quarteirão à beira do paradisíaco mar do Caribe que banha Tortola, a maior das Ilhas Virgens Britânicas. Ali, em um prédio baixo que passaria despercebido por qualquer dos turistas que anualmente lotam a ilha, fica a sede de centenas de empresas de fachada criadas pelo escritório local da Mossack Fonseca, desde bancos acusados de financiar desenvolvimento de armas de destruição em massa até pequenas empresas-fantasma familiares criadas para evitar pagar impostos de herança.” (Estadão<sup>9</sup>)

“Documentos da firma panamenha Mossack Fonseca mostram que uma offshore sem sede própria, funcionários ou site recebeu comissões milionárias em operações com petróleo da Petrobras. As comissões foram pagas por meio de uma conta bancária na Suíça. A Oil & Gas Venture Capital Corp tem como diretores 2 funcionários da Mossack Fonseca.” (UOL, Folha<sup>10</sup>)

---

<sup>9</sup> Disponível em <<http://politica.estadao.com.br/noticias/panama-papers,offshore-recebe-comissoes-milionarias-por-venda-de-petroleo-da-petrobras-em-conta-na-suica,10000025463>>

<sup>10</sup> Disponível em <<http://fernandorodrigues.blogosfera.uol.com.br/2016/04/08/empresa-de-fachada-recebeu-comissoes-milionarias-da-petrobras/>>

Como se nota nos detalhes da atuação de repórteres que concorrem nacionalmente, mas trabalham juntos em uma investigação global, as possibilidades da colaboração vão muito além do que se poderia supor. Algo que indicia a força que projetos podem vir a ter.

## **5. Considerações finais**

A inquietação por entender como foi possível unir 376 repórteres, de 76 nacionalidades, em torno de um projeto único, monumental, está na origem deste artigo. Como gerenciar uma rede tão complexa, multinacional, em um trabalho coordenado e coerente? Como convocar a participação de veículos de diferentes países e portes, que atuam em distintas plataformas? Como fazer a comunicação funcionar e montar um banco de dados em que cada jornalista pudesse realizar pesquisas de interesse local?

Ao longo das pesquisas no material disponível sobre o tema, infelizmente ainda não tão abundante, tornou-se claro que planejar uma investigação tão complexa, com tamanho volume de informações envolvido, só foi possível porque os Panama Papers são tão somente um capítulo – mesmo que o mais impactante deles até agora – dentro da história das colaborações jornalísticas transnacionais. Ou seja, o objeto que se tinha em mãos requer uma perspectiva processual, área em que a autora vem trabalhando desde o mestrado, tendo como base e guia as investigações realizadas por Cecilia Almeida Salles, na PUC-SP.

Os trabalhos dos Panama Papers só estão sendo possíveis por causa da experiência acumulada por associações sem fins lucrativos lideradas por jornalistas, que já realizaram anteriormente importantes trabalhos colaborativos. Os Panama Papers podem ser encarados como dentro do conceito de rede, estando, portanto, interligados às investigações anteriores e também às que ainda estão por vir. “O objeto dito como acabado pertence, portanto, a um processo inacabado”, com diz Cecilia Salles (2006, p. 17).

Na pesquisa do material, também notou-se que não se estava tratando apenas de investigações coletivas recentes, ligadas a grandes vazamentos da que podemos chamar da “Era Leaks” em que vivemos, como as já mencionadas WikiLeaks, LuxembourgLeaks e SwissLeakss. E que essas reportagens não dependiam unicamente de tecnologia avançada para tratamento de grandes bases de dados. Embora esses fatores amplifiquem, justifiquem

e facilitem o surgimento desses trabalhos, reportagens colaborativas, feitas por repórteres de vários veículos, são realizadas desde a década de 1970, como foi mostrado neste artigo. Sem computador, sem bancos de dados, da forma mais tradicional possível.

Dos anos 1970 até 2016, houve tempo suficiente para fazer bem mais do que as poucas dezenas de iniciativas bem sucedidas de colaboração sem fronteiras. Por que o volume de trabalhos é pequeno? A cultura do jornalismo, que sempre privilegiou o trabalho solitário e sigiloso, que garantisse o “furo” de reportagem, é uma das explicações. Essa cultura vem sendo modificada aos poucos, pela ação das associações de jornalistas, como foi retratado no capítulo 3, mas também pela notória necessidade econômica das empresas de mídia, que, atuando de forma conjunta, conseguem diminuir o custo das investigações. Somando-se esses fatores ao fato óbvio de que a prática do jornalismo vem se tornando mais complexa, pela própria complexidade crescente de determinados assuntos globais – como crimes, meio ambiente e terrorismo, só para citar alguns -, temos ambiente propício para a ampliação das colaborações jornalísticas. Nas palavras do professor Rosental Calmon Alves, da Universidade de Austin, no Texas (2014, p. 4): “A globalização apenas chegou às redações, permitindo que jornalistas colaborem de novas e mais eficientes formas”, afirma o professor. “A cultura das colaborações transnacionais chegou para ficar.”

## REFERÊNCIAS

BUZENBERG, William E. **Anatomy of a Global Investigation: Collaborative, Data-Driven, Without Borders**. 2015. Shorenstein Center on Media, Politics and Public Policy. Disponível em: <<http://shorensteincenter.org/anatomy-of-a-global-investigation-william-buzenberg/>>. Acesso em: abr. 2016.

DÍAZ-STRUCK, Emilia. **Four Ways to Embrace a cross-border state of Mind**. 2015. The International Consortium of Investigative Journalism. Disponível em: <<https://www.icij.org/blog/2015/11/four-ways-embrace-cross-border-state-mind>>. Acesso em: abr. 2016.

ENGELBERG, Stephen; STEIGER, Paul. **Why We’re Giving Away Our Reporting Recipe**. 2010. Pro Publica – Journalism in the Public Interest. Disponível em: <[www.propublica.org/article/why-were-giving-away-our-reporting-recipe-304](http://www.propublica.org/article/why-were-giving-away-our-reporting-recipe-304)>. Acesso em: abr. 2016.

GLASER, Mark. Center for Public Integrity Leading the Way for Serious Online. **USC Annenberg Online Journalism Review**. Fev, 2004. Disponível em: <[www.ojr.org/ojr/glaser/1077668140.php](http://www.ojr.org/ojr/glaser/1077668140.php)>. Acesso em: abr. 2016.

GREENBERG, Andy. How Reporters Pulled Off the Panama Papers. *Wired*, abr. 2016. Disponível em: <<http://www.wired.com/2016/04/reporters-pulled-off-panama-papers-biggest-leak-whistleblower-history/>>. Acesso em: abr. 2016.

HOUSTON, Brant. **Panama Papers Showcase Power of a Global Movement**. 2016. Global Investigative Journalism Network. Disponível em: <<http://gijn.org/2016/04/13/panama-papers-showcase-power-of-a-global-movement/>>. Acesso em: abr. 2016.

KAPLAN, David E. **Investigative Journalism: Strategies for Support**. 2013. A Report to the Center for International Media Assistance, 2nd Edition. Disponível em: <<http://www.cima.ned.org/resource/global-investigative-journalism-strategies-for-support/>>. Acesso em: abr. 2016.

LÉCHENET, Alexandre. **Global Database Investigations: The role of the computer-assisted reporter**. 2014. Reuters Institute for Studies of Journalism, Oxford University. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/>>. Acesso em: abr. 2016.

LICHTERMAN, Joseph. **How ProPublica Uses a “Reporting Recipe” to Cook up Collaboration**. 2014. Nieman Lab. Disponível em: <[www.niemanlab.org/2014/08/how-propublica-uses-a-reporting-recipe-to-cook-up-collaboration/](http://www.niemanlab.org/2014/08/how-propublica-uses-a-reporting-recipe-to-cook-up-collaboration/)>. Acesso em: abr. 2016.

ROSENTAL, Calmon Alves. **Trends in Newsrooms #7: The growing importance of global collaborative investigative journalism**. 2014. World Association of Newspapers and News Publishers – World News Publishing Focus. Disponível em: <<http://blog.wan-iffra.org/2014/08/07/trends-in-newsrooms-7-the-growing-importance-of-global-collaborative-investigative-journa>>. Acesso em: abr. 2016.

SALLES, Cecilia A. **Redes da Criação: Construção da Obra de Arte**. Vinhedo: Horizonte, 2006.

STOCK, Stephen. **Journalism collaboration: How to work well with partners**. 2014. News Lab. Disponível em: <<http://www.newslab.org/2014/05/22/journalism-collaboration-how-to-work-well-with-partners/>>. Acesso em: abr. 2016.